

0672/79

Universidade - Op. n. 15  
Univ. Beira Interior

COMERCIO DO PORTO(O) Porto	30. JUL. 1979
JORNAL DE ALMADA Almada	
VOZ DE PALMELA	

«RECORTE»

# COVILHÃ

201

## UNIVERSIDADE: EXPRESSÃO VOCACIONAL DA REGIÃO

A vocação da Covilhã para encetar a marcha da sua dinamização, tendo em vista o progresso e felicidade das suas gentes está bem expressa através da própria história.

Não é, nem tem sido, com palavras «ocas» de realidade e sentido, que se orgulha de proclamar bem alto, a sua eficácia, no já hoje relativo bem-estar das populações, que gravitam sob sua influência sem dúvida ímpar em todo o território do interior Norte-Sul do País.

Tendo vivido, durante séculos sob a dominação da indústria de lanifícios, numa exclusividade cujos perigos agora reconheceu, não perdeu nunca o sentido de caminhar segura da sua técnica, procurando valorizar-se no campo da Educação e da Cultura, de modo a poder acompanhar o que de melhor se produzia no Mundo!

Efectivamente, e sem precuar alardear falsas realidades, vamos encontrar na sua História, de séculos em séculos, uma arrancada decisiva no campo da especialização técnica, sem precedentes em qualquer outra parte do País.

Foi assim que a Indústria de Lanifícios, vivendo sob o domínio artesanal, que viria a fazer escola, sofreu, no tempo do Conde da Ericeira — e por alguma razão o seu nome ilustra uma rua da cidade! —, forte impulso, no sentido de a transformar em actividade consciente, ordeira, disciplinada, produtiva, numa palavra:

viu que estava em presença de um valor económico da maior importância.

Depois, e por volta de 1750, pertenceria ao Marquês de Pombal verificar o interesse que tal indústria possuía no campo da Economia Nacional, dando-lhe mais decisivo apoio no campo da Técnica, até então nunca visto, criando a Escola Real de Panos, para o que ordenou, ao Senado Covilhense, a destruição das velhas Murallas para, com a pedra, fosse construída a Escola que mais tarde viria a servir a Unidade Militar e, agora, permitiu, de imediato e com algumas transformações radicais, instalar a Universidade!

Mas a revolução tradicionalmente centenária, no campo do Ensino Técnico, não ficaria apenas por aqui.

A grande revolução industrial verificada no final do Século XVIII e em todo o século XIX teria de intervir necessariamente na vida dos Povos. E nós — sempre tão pobres de inspiração renovadora! — também não poderíamos ficar-lhe indiferentes.

Foi assim que Fradesso da Silveira, por volta de 1860, ordenou um Inquérito Industrial ao País, estudando as suas condições técnicas, cabendo em resultado ao nosso meio a instalação da primeira Escola Industrial, denominada de «Campos Mello». Jam decorridos 100 anos sobre a Escola Real de Panos, que, deste modo, se viu substituída.

Porém, e pelos efeitos que

ainda hoje se verificam, só em 1884 a sua instalação foi firmada. Primeiro, numa rua estreita, denominada Rua do Meio num prédio ainda existente; depois, no edifício que serve hoje o Sindicato do Pessoal da Indústria de Lanifícios, para, no presidente allamo de Sidónio Pais, per, por este, transferida para as actuais instalações, aliás, modernizadas.

Nem reida da tradicional cronologia, que vem atirando a Covilhã para as grandes realidades da Educação e Cultura, eis que surge um novo século, e, com ele a evolução do Mundo para novos rumos, trazendo-nos a necessidade, cada vez maior, de não sabermos se todos querem ser Engenheiros ou doutores — como alguns responsáveis afirmam com a inveja bem patente no rosto!... —, mas se, pelo contrário, tal sistema faz avançar a felicidade dos povos, para rumos até então desconhecidos... E, com os olhos e a certeza na inteligência, eis que nos trazem, agora, a Universidade Interior da Beira! Vão decorridos os tais 100 anos!

...precisamente 100 anos! É o ciclo que a Covilhã tradicionalmente usa, para se ver transformada, para melhor, no campo da técnica e da sua Indústria, que são básicas e sem precedentes, e que só não são ainda mais vincadas porque, como é sabido, existe um Mundo recheado, de invejas, torpes e mesquinhas, que impedem os seus intentos e a privam de caminhar mais e melhor. Depois, e porque assim é, vem a calamidade para uns e outros, exactamente porque não fazem nem deixam fazer...

Mas a Universidade aí está. É toda uma região que vai beneficiar da sua influência. E tem pensem as suas congéneres que esta lhes vai trazer alguma contrariedade. Nada disso. O que se vai firmar é uma maior capacidade da região onde, com o devido respeito, apenas se viam singrar na vida Cavadores e Lavradores, aliás e mesmo aí, sem qualquer preparação técnica, já que nem a Escola Agrícola da Lageosa — para cuja instalação o Dr. Júlio de Mello e Matos ofereceu em, 1947, uma enorme quinta, com 360 hectares de excelentes terrenos de sequeiro e sementeiras, e nem assim, o que é um crime autêntico!... conseguiram dar expressão real ao fim para que foi doada. Mas será isto possível? E até, agora, pensam terminar com ela? Mas o Governo Nacional, que agora nasceu para valorizar o Povo Português, vai acasentir o crime? Eu não acredito!...

Graças e louvores são devidos aos homens que deram corpo e alma a esta obra tão extraordinária. E é nesse sentido que vinculamos o nosso vivo protesto contra o dito encerramento. E que importa referir que a tal Escola Agrícola da Lageosa, cujas instalações não custaram ao Estado um «centavo» e valem, hoje, muitas dezenas de contos, bem merecem que as ponham ao serviço do Povo, cujas áreas de trabalho inseridas no campo da Indústria, do Comércio, do Turismo, do Minério, da Agricultura, necessitam do apoio da cultura que tal escola — inserida como se impõe, na própria Universidade — lhes pode conceder.

A Escola — neste caso o curso Agrícola, a nível superior, quer tanto interessa defender, enquadra-se perfeitamente no rumo do ensino a seguir.

Quando a T.V. diz, nos seus programas especiais, que, por exemplo, na Polónia existe, numa cidade que não é das maiores daquele País, 80% da sua juventude numa Universidade lá existente, eu pergunto se, copiadores, que somos do mau que, lá por fora, existe, por que não procuramos fazer — ao menos no ensino — os 20% que a eles já não interessa? Não será melhor copiar o Bom?!...

Vitorino Bonina